

(Transcrição)

Stuttgart, 6 de maio de 2004

O papel dos Movimentos espirituais

Discurso proferido em um congresso de responsáveis de Movimentos e Comunidades de Igrejas Cristãs

Caríssimos irmãos e irmãs,

Neste importante Congresso, do qual participo com alegria, cabe a mim falar do papel e da comunhão dos Movimentos espirituais, do meu empenho para viver esta comunhão e da esperança que nutro. Os Movimentos foram reconhecidos como mensageiros de uma grande riqueza espiritual e "motivo de esperança" para a Igreja e para a humanidade¹, ou melhor, como "um dos dons do Espírito para esta época."²

Mas em que consiste essa nova realidade? Refiro-me principalmente à experiência da Igreja católica, mas certamente isso vale também para as outras Igrejas, segundo a tradição de cada uma.

Os Movimentos eclesiais e as Novas Comunidades surgem geralmente de uma personalidade carismática que os lidera e se sentem chamados a viver o Evangelho de modo autêntico e radical³. Neles o Espírito, "distribuindo a cada um os seus dons conforme lhe apraz" (1 Co 12,11), abre novos caminhos para responder às exigências dos tempos. Os Movimentos, embora sempre finalizados a [a palavra portuguesa finalizar tem como significado chegar ao fim, terminar e não "ter por finalidade"; é preciso corrigir com: o seu objetivo tenha sido] bem comum, segundo as palavras de São Paulo: "Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos" (1 Co 12,7), possuem características diferentes e novas possibilidades de oferecer à Igreja e ao mundo dons preciosíssimos. Não estão presentes somente nesta época, porque foram nascendo de tempos em tempos, desde quando surgiu o cristianismo e isso tem uma motivação.

Os primeiros cristãos viveram autenticamente mas, com o passar do tempo, influenciados pelo espírito do mundo, nem todos os batizados foram coerentes com a própria fé. Desde então o cristianismo foi se enfraquecendo, diluindo e daí a exigência – digamos – de que o Espírito Santo suscitasse na Igreja novas correntes espirituais, como as que surgiram no primeiro milênio, por exemplo, as de São Basílio, de Santo Agostinho, de São Bento; e muitas outras durante o segundo milênio.

Floresceram assim, ao longo dos séculos, sempre por obra de novos carismas, muitas famílias espirituais que expressam uma Palavra de Jesus, um fato ou um sofrimento da sua vida. Como não recordar São Francisco de Assis e os seus discípulos, que espelham com a própria vida a Palavra evangélica: "Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos céus" (Mt 5,3)? Ou Teresa de Lisieux e os seus seguidores, que personificaram a Palavra: "Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças não entrareis no Reino dos Céus" (Mt 18,3). São Vicente de Paula, madre Teresa de Calcutá e tantos outros de diversas Igrejas, como por exemplo, Friedrich von Bodelschwingh, com a sua obra caritativa de Bethel. Todas foram e são manifestações do amor concreto de Jesus para com os mais pobres e sofredores.

Nós surgimos depois deles e desejamos continuar esta maravilhosa "encarnação" do Evangelho. Mas existe algo mais. Na época atual, o Espírito Santo está dirigindo aos novos Movimentos um novo apelo: aquele em direção a uma mais profunda união entre eles, e isso em sintonia com o que acontece no

¹ Homilia da Vigília de Pentecostes, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XIX/1 (1996), p.1373.

² *ID.*

³ Cf J. RATZINGER, *I movimenti ecclesiali e la loro collocazione teologica*, in *I movimenti nella Chiesa*, p.47.

mundo. De fato, apesar de ainda persistirem hoje no nosso planeta as guerras, a violência, as tensões, a imposição do terrorismo, não podemos deixar de afirmar que caminhamos rumo à unidade. A unidade é um sinal dos tempos e isso é evidenciado pelo mundo espiritual e religioso, pelo impulso das Igrejas em direção à plena e visível unidade depois de séculos de indiferença e de conflitos. Também o Concílio Vaticano II enfatizou muitas vezes essa ideia; assim como o Conselho Ecumênico de Igrejas.

No mundo político esse anseio à unidade é expresso pelos Estados europeus, que se uniram, assim como outros na África e na América Latina; e a mesma coisa dizem as organizações internacionais, como por exemplo a ONU.

De modo análogo o mesmo acontece entre os Movimentos; também eles são chamados à comunhão. Posso testemunhar isso e, com a graça de Deus, contribuí um pouco para a realização dessa comunhão.

Começamos primeiramente com a Comunidade de Santo Egídio e a Renovação no Espírito italiana, em 1998, quando esta comunhão era desejada sobretudo na Igreja católica. Eu disse ao Papa João Paulo II que para isso desejo colaborar, impulsionada e facilitada pelo carisma da unidade, característico do Movimento dos Focolares. Os Movimentos e as Novas Comunidades católicas que estão em contato recíproco são cerca de 220.

Não foi difícil para mim entender mais tarde que o Espírito Santo desejava que ampliássemos esta comunhão também às famílias religiosas, como por exemplo, aos franciscanos e aos beneditinos, nascidas há séculos; e isso foi feito com alegria e enriquecimento recíproco. Colocamo-nos em comunhão também com Associações, por vezes importantes, como a Ação Católica.

Mas não termina aqui o que foi feito em relação à comunhão. Ou melhor, tivemos a impressão de que o Espírito Santo abria ainda novas possibilidades. Quando soubemos que Movimentos e grupos evangélicos, cada um com a sua própria identidade, encontravam-se entre eles há algumas décadas, e pediram para ter contato conosco, pareceu-nos entender que era possível ampliar esta comunhão também a eles. E há alguns anos estamos em contato também com eles. É uma comunhão que incluiu logo após, grupos de cristãos anglicanos, ortodoxos, etc.

Os efeitos? Podemos perceber um deles já nestes dias de Congresso e depois na Jornada: "Juntos pela Europa".

Tenho certeza de que se Cristo estiver entre nós pelo fato de nos amarmos, o nosso comum testemunho cristão ao mundo, e em particular à Europa, resplandecerá com uma especial beleza, grande atração, nova força e potência. Consequentemente cooperará para que o mundo civil se torne melhor: uma "cidade terrena" em maior harmonia com a "cidade celeste".

Por outro lado Jesus não pensou nem desejou menos do que isso quando nos pediu para rezar ao Pai assim: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no Céu" (*Mt 6,10*).

Chiara Lubich